



Épocas Literárias

Quinhentismo-

Neste texto Manuel da Nobrêga relata sobre a conversão do Indígena:

"Diz que quer ser cristão e não comer carne humana, nem ter mais de uma mulher e outras coisas: somente que há de ir à guerra e os que cativar vendê-los e servir-se deles, porque estes desta terra sempre tem guerra com outros e assim andam todos em discórdia. Comem-se uns aos outros, digo os contrários. É gente que nenhum conhecimento tem de Deus, nem ídolos, fazem tudo quanto lhe dizem".

Barroco-

Obra de Gregório de Matos:

"A Jesus Cristo Nosso Senhor "

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado, Da vossa
alta clemência me despido; Porque, quanto mais
tenho delinqüido, Vós tenho a perdoar mais
empenhado. Se basta a vos irar tanto pecado, A
abrandar-vos sobeja um só gemido: Que a mesma
culpa, que vos há ofendido, Vos tem para o perdão
lisonjeado. Se uma ovelha perdida e já cobrada Glória
tal e prazer tão repentino Vos deu, como afirmais na
Sacra História, Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino, Perder na
vossa ovelha a vossa glória.

Arcadismo-

pequeno trecho da obra de Basílio da Gama sobre as belas obras:

"A declamação trágica" (1772)

Tu, que os costumes nossos melhor que ninguém pintas, Ensina-me o segredo, com que dás alma às tintas. Empresta-me as imagens, a quem dão vida as cores, Quadros, que a tua mão quis semear de flores. Tu nos deixaste as leis dos números diversos, Despréaux, eu canto a Arte de recitar os versos. A Dama, que em teus muros, magnífica Lisboa, Espera ornar a frente co'a trágica coroa, Se quer que em seus louvores o povo se desvele, Estude o que é Teatro antes de dar-se a ele. Aprenda a magoar os insensíveis peitos, E saiba da sua arte as regras, e os preceitos. Deve pensar, sentir; ou a balança justa Do povo há de ensinar-lho um dia à sua custa. A Corte lhe promete conquistas de mil almas, E para a nobre testa pronta lhe oferece as palmas. Do público o bom gosto segura-lhe a vitória, E abre-lhe um caminho mais fácil para a glória. Lê nos turbados olhos do seu

triunfo e feitos. Tem no teatro um trono, reina nos
nossos peitos. Vós, que buscais a glória, não procureis
atalhos: O placido descanso é filho de trabalhos. Pisai
o ócio vil, que flores têm por leito: Exercitai a voz, e
cultivai o peito.

"Canção do exílio"

Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As
aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso
céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais
flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida
mais amores. Em cismar, sozinho, à noite, Mais
prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá. Minha terra tem primores, Que
tais não encontro eu cá; Em cismar — sozinho, à noite
— Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem
palmeiras, Onde canta o Sabiá. Não permita Deus que
eu morra, Sem que eu volte para lá; Sem que desfrute
os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda
aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá.

Realismo-

Obra de Machado de Assis:

Digo-lhe que faz mal, que é melhor, muito melhor contentar-se com a realidade; se ela não é brilhante como os sonhos, tem pelo menos a vantagem de existir.

Naturalismo-

Obra de Lucas Lima:

Abita um bicho em mim Tenho medo de bicho Bicho é
assim, paira para pairar

Naturalistas, escritores, cientistas, músicos ricos não
pairam, pobres sim... Bichos não são naturalistas Só
homens, mulheres...nem pensar O tempero da
racionalidade É a perca E de não ter, é não ter perca O
mercado esta de portas abertas entanto
fechadas Para quem não é naturalista Surfistas
moram nas praias Imperialistas dentro do mercado

Simbolismo-

Obra de Cruz e Souza:

Siderações

Para as Estrelas de cristais gelados As ânsias e os
desejos vão subindo, Galgando azuis e siderais
noivados De nuvens brancas a amplidão vestindo...
Num cortejo de cânticos alados Os arcanjos, as
cítaras ferindo, Passam, das vestes nos troféus
prateados, As asas de ouro finamente abrindo... Dos
etéreos turíbulos de neve Claro incenso aromal,
límpido e leve, Ondas nevoentas de Visões levanta... E
as ânsias e os desejos infinitos Vão com os arcanjos
formulando ritos Da Eternidade que nos Astros
canta...

Pré-Modernismo-

Principais autores de livros do Pré Modernismo e suas respectivas obras:

Euclides da Cunha: Os Sertões; Contrastes e Confrontos; À Margem da História.

Monteiro Lobato: Urupês; Idéias de Jeca Tatu; A Menina do Narizinho Arrebitado; O Pica-Pau Amarelo.

Lima Barreto: Recordações do Escrivão Isaías Caminha; Triste Fim de Policarpo Quaresma; Numa e Ninfa; Morte e M. J. Gonzaga de Sá; Os Bruzundangas; Clara dos Anjos.

Augusto dos Anjos: Saudade; Eu e Outras Poesias (único livro de poemas); Psicologia de um Vencido; Versos íntimos.

Graça Aranha: Canaã; A Estética da Vida; Espírito Moderno; A Viagem Maravilhosa; Malazarte (Teatro).

Raul de Leôni: Ode a um Poeta Morto; Luz Mediterrânea.

Simões Lopes Neto: Cancioneiro Guasca; Contos Gauchescos; Lendas do Sul; Casos do Romualdo.

Modernismo-

Obra de Carlos Drummond:

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra Tinha uma
pedra no meio do caminho Tinha uma pedra No meio
do caminho tinha uma pedra. Nunca me esquecerei
desse acontecimento Na vida de minhas retinas tão
fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do
caminho Tinha uma pedra Tinha uma pedra no meio
do caminho No meio do caminho tinha uma pedra.